

EMPRESA DE NAMPULA GANHA MERCADO ASIÁTICO

A empresa «Madeiras de Nampula» (MADENA) está a preparar uma encomenda de mil metros cúbicos de «pau-rosa» para o Japão. A mesma empresa exportou no primeiro semestre deste ano cerca de 234 toneladas de «pau-preto» em toros para a Espanha e República Federal da Alemanha. Segundo Alberto Madureira, director-geral da MADENA, a exportação de madeira constitui a nova aposta para a empresa vencer a difícil situação financeira herdada do desmantelamento da MADEMO.

O director-geral informou que, em termos monetários a tonagem exportada rendeu cerca de 75 mil dólares. Recordou que ao exportar os mil metros cúbicos, ora em preparação, a MADENA espera arrecadar cerca de 224 milhões de meticais, o que contribuirá para a resolução de vários problemas financeiros da empresa, nomeadamente o pagamento de uma nova frota de 3 camiões e três tractores. A empresa recebeu, assim, como para a redução da famosa conta vencida herdada da antiga MADEMO e que ascende a mais de 40 mil contos.

Alberto Madureira sublinhou que a exportação é feita através da MADEMO internacional mas que será desejável ser a MADENA a exportar directamente, o que exigiria, entre outras coisas a afectação de um delegado em Maputo, a fim de tratar da parte burocrática inerente às operações de exportação junto à Câmara de Comércio de Moçambique.

Por outro lado, Madureira afirmou que a sua empresa está a enviar esforços para começar a exportar para os países vizinhos, nomeadamente Zimbábue e Malawi.

— Zimbábue contactou-nos sobre a possibilidade de lhe enviarmos a nossa madeira. Malawi também con-

tactou-nos, e embora indirectamente mas, para este país, dependemos de muitos factores já que de momento não há ligações ferroviárias entre a nossa província e aquele país devido à segurança — disse o director-geral da MADENA.

Ele defendeu que a concretizar-se este projecto para os países vizinhos seriam enormes as vantagens, uma vez que os factores distância e rapidez são decisivos no comércio.

AS CAPACIDADES DA MADENA

Com cerca de 338 trabalhadores a empresa «Madeiras de Nampula» tem três serrações: em Meconta, Muecate e Netia. As serrações estão equipadas de «charriots» (carros que se movem sobre os carris e que transportam a madeira à serra).

Em Meconta há dois «charriots»-fita, um com capacidade para serrar oito metros cúbicos por dia e outro para 12 metros/dia. Contudo, devido ao estado obsoleto do equipamento apenas serram seis e 10 metros cúbicos/dia, respectivamente.

Na Serração de Muecate existe um «charriot»-disco, antigo, para a serração de madeira de travessas, e dois «charriots»-fita cuja capacidade total instalada é de 20 metros cúbicos/dia. Contudo, apenas serram 10 metros cúbicos por dia. Em Netia existe um «charriot»-fita e um «charriot»-disco, com capacidade total de 12 metros cúbicos mas que na realidade apenas serram sete metros cúbicos/dia.

COMO VAI O PLANO?

O plano anual das serrações e da MADENA anda condicionado a vários factores, nomeadamente a situação militar dos locais de abate, situação militar dos locais onde se situam as próprias unidades de produção, a idade e operacionalidade dos equipamentos ali instalados.

A propósito dos equipamentos das serrações, Alberto Madureira frisou que desde 1981 nunca houve investimentos em peças sobressalentes para as máquinas em uso, registando-se, como consequência, frequentes paralisações que afectam a produção.

Por isso, dos 1700 metros cúbicos de madeira serrada planificados para o primeiro semestre em todas as três serrações da MADENA apenas foi possível serrar 1138 metros cúbicos. E dos 400 metros cúbicos de travessas propostos no plano, apenas fizeram seis metros, o que é ridículo.

Mas sobre a questão das travessas o director-geral explicou que existem problemas de segurança nas zonas onde abunda a madeira «Mucarrala», que é utilizada para o efeito.

— Estamos a negociar com os nossos clientes para que em vez de «Mucarrala» aceitem o «Missinge», que também é boa madeira para as travessas — disse Alberto Madureira, que acrescentou:

— Antigamente a madeira para fazer travessas era o «panga-panga» mais conhecido por «jambire» mas, pouco depois da independência nacional «jambire» passou à madeira de primeira categoria e, por isso, é utilizada para coisas mais preciosas.

As travessas que a MADENA faz são entregues aos Caminhos de Ferro de Moçambique-Norte. Para além deste cliente, aquela empresa madeireira faz caixas para vasilhames de cerveja sob encomenda da SOGERE. A pro-

pósito desta encomenda, o «Notícias» soube que das oito mil caixas pedidas para este ano, a MADENA já fez quatro mil na Serração de Meconta.

A EMOCHÁ e a COGROPA, em Nacala, também são clientes da MADENA, recebendo capatras para o acondicionamento dos produtos que manuseiam. A Educação recebe madeira de «missinge» para a fabricação de carteiras e outro mobiliário escolar.

O «Notícias» interessou-se pela localização das madeiras que a empresa abate, bem como das espécies existentes na província, ao que o director-geral respondeu que há muitas espécies, tais como umbila, sândalo, pau-preto, pau-rosa, jambire, missinge, chanfuta, entre outras de qualidade internacionalmente reconhecida.

— Embora tenhamos muitas espécies elas, no entanto, não se encontram muito divulgadas. As pessoas só conhecem jambire e pensam que é a única madeira de boa qualidade — disse aquele empresário, que deu a conhecer que a sua empresa tem um programa de divulgação das espécies.

Sobre as áreas de abate, soube-se que a serração de Muecate está bem dotada, uma vez que encontra boa madeira num raio de 25-30 quilóme-

tros, enquanto Netia e Meconta encontram boa madeira a uma distância de 70 a 75 quilómetros.

O director-geral da MADENA lamentou o facto de se estar a verificar ultimamente, na província, a proliferação de madeiros que abatem de forma indiscriminada, sem atender ao crescimento do diâmetro das espécies. Disse que a sua empresa abate a madeira tendo em conta a defesa das espécies e da ecologia. Chamou a isso de **abate racional**.

Questionado sobre os preços que a empresa pratica na venda de madeiras a cidadãos comuns, Alberto Madureira reconheceu que os mesmos subiram muito nos últimos tempos. Referiu que à porta da fábrica um metro cúbico de jambire custa 105 contos, quando há dois anos custava apenas seis contos.

Acrescentou que os custos de produção são também enormes. Exemplificando disse que a sua empresa tem um fundo de salários de 10 mil contos por mês, para além disso, custeia a logística dos militares que acompanham os trabalhadores de abate, para além dos preços altíssimos de combustível e óleos necessários nas unidades de produção.